

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

12

Actas do Colóquio Internacional
ORIENTALISMO ONTEM E HOJE

東方學國際研討會論文集
東方學：過去與現在

OS PRIMÓRDIOS DA CIÊNCIA EGÍPTOLÓGICA

Por LUÍS MANUEL DE ARAÚJO

*Professor da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental)*

Entrando num novo século e num novo milénio, espera-se com legítimo anseio que a ciência egíptológica progrida cada vez mais e em passos seguros⁽¹⁾, mantendo empenhados os especialistas que a ela se dedicam e também despertando o interesse do público em geral, sempre desejoso de conhecimentos novos em relação à civilização do antigo Egipto. No momento em que se assinalam os cento e oitenta anos da decifração da escrita hieroglífica por Jean-François Champollion, acto que marca o aparecimento da egíptologia, o nosso país vive uma fase de incremento com um significativo dinamismo dos estudos de âmbito egíptológico, integrados no campo mais alargado dos estudos pré-clássicos. Poderá, a este respeito, servir de exemplo a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde a passagem dos cem anos da morte de Giuseppe Verdi é condignamente assinalada com um colóquio no qual se inserem comunicações de temática egíptológica, bem justificadas numa Escola que tem acarinhado tais estudos.

A verdade é que o mestrado em História e Cultura Pré-Clássica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que agora vai no seu sexto curso consecutivo, conta até hoje, entre as treze teses de mestrado apresentadas com sucesso, quatro de temática egíptológica⁽²⁾. Entre os alunos do quinto curso e do sexto curso (este ainda a decorrer) prevê-se que seis deles escolham o antigo Egipto como tema para a elaboração das suas teses, sendo de esperar que elas possam vir a ser publicadas.

A recente edição do *Dicionário do Antigo Egipto*, onde colaboraram vinte autores da área da egiptologia, da hebraística, da assiriologia e dos estudos greco-romanos, quase todos ligados à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (embora tenham sido convidados a participar no projecto elementos de todas as Universidades relacionados com a matéria), atesta bem o desenvolvimento dos estudos pré-clássicos em geral e dos estudos egiptológicos em particular⁽³⁾.

Além desta comemoração verdiana que aqui nos reúne, outras efemérides que no ano de 2002 irão ser devidamente assinaladas poderão concorrer, também elas, para uma melhor divulgação da história e da cultura do antigo Egipto: os cento e oitenta anos da decifração da escrita hieroglífica (1822) e os oitenta anos da descoberta do túmulo de Tutankhamon (1922)⁽⁴⁾. Para assinalar estes acontecimentos, a Associação Portuguesa de Orientalismo organizará, em Novembro do corrente ano, um colóquio no Centro Cultural Casapiano, em Belém, no âmbito de uma exposição sobre o túmulo de Tutankhamon. Esta exposição, levada a cabo pelo Museu Egípcio de Barcelona, e que, além de Lisboa, estará em Gaia, Óbidos e Silves, conta com o apoio científico do Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Por agora, e aproveitando a passagem do centésimo aniversário do falecimento de Giuseppe Verdi (1813-1902), em cuja obra são notórias influências do Próximo Oriente Antigo, importaria ver como tudo começou em relação aos estudos egiptológicos, que sempre foram secundados por interessantes manifestações de egiptomania. Ainda hoje, como no tempo de Verdi, a egiptologia continua a ser acompanhada de muito perto por fenómenos de egiptomania, que tanto cativam as pessoas, mas também, num estádio mais incontrolado e nefelibata, de egiptolatria por vezes delirante.

*

* *

Pode dizer-se que a egiptologia, enquanto estudo e preservação do legado da civilização egípcia, começou mesmo no próprio Egipto. Na verdade, o interesse pelo Egipto remonta já à época faraónica, considerando-se o príncipe Khaemuset, filho do faraó Ramsés II, como o primeiro egiptólogo, já que ele procurou preservar alguns monumentos que no seu tempo (em meados do século XIII a. C.) ameaçavam ruína⁽⁵⁾.

Khaemuset dirigiu o trabalho de restauração dos textos inscritos em pirâmides da V e VI dinastias e noutros monumentos datados do

Império Antigo em Sakara, Guiza e Abusir. Ordenou ainda o piedoso restauro de muitos monumentos antigos onde deixou inscrições com o seu nome.

Mais tarde, durante a XXVI dinastia saíta (664-525 a. C.), com a qual se inaugura a fase histórica conhecida na periodização egípcia como Época Baixa, foi notória uma grande propensão não apenas para a cópia intensiva de muitas formas artísticas de épocas anteriores, sobretudo as do Império Antigo, mas também para os trabalhos de preservação e reconstrução de antigos monumentos. Deste empenho beneficiaram, por exemplo, as pirâmides do planalto de Guiza, devido ao restabelecimento, pelos monarcas saítas, do culto funerário dos faraós da IV dinastia sepultados nesse famoso local: Khufu, Khafré e Menkauré.

Foi aliás durante a XXVI dinastia que viajantes gregos começaram a demandar o Egito, impelidos por motivações várias, sendo nesse tempo o mais sintomático motivo o recrutamento de mercenários, cabendo aos hoplitas vindos da Grécia e da Cária a defesa da monarquia faraónica contra os inimigos internos e externos. A apetência pelas coisas do antigo Egito remonta pois à Antiguidade Clássica, sendo conhecido o interesse do logógrafo e viajante grego Hecateu de Mileto, que ao país do Nilo dedicou parte da sua obra *Periegesis (Em torno da terra)*. Alguns elementos de cariz etno-histórico ali recolhidos foram depois utilizados por Heródoto, com o loquaz «pai da História» a citar por vezes o seu compatriota⁽⁶⁾.

Desde meados do segundo milénio, vindas da Grécia e da área do Egeu, muitas pessoas demandavam o Egito como mercenários e comerciantes, ou simples viajantes, num movimento que se incrementou com a conquista de Alexandre (332 a. C.) e que foi prosseguindo sob a dinastia ptolemaica e a dominação romana – até imperadores como Adriano e Septímio Severo lá estiveram. Os textos de viajantes dessa época reflectem um notório interesse pelas coisas do Egito, por vezes de forma um tanto fantasiosa, e a cultura ocidental absorveu desde então a ideia selectiva das «Sete Maravilhas do Mundo», entre as quais, sintomaticamente, estavam monumentos egípcios: o farol de Alexandria, já desaparecido, e as grandes pirâmides de Guiza, ainda existentes – e de resto são as únicas dessas «Sete Maravilhas» que estão visíveis.

Com o domínio árabe e a crescente islamização do país, a partir de meados do século VII, o Egito foi-se integrando cada vez mais no mundo muçulmano e fechou-se praticamente à Europa. Depois da tumultuosa época das Cruzadas, muitos peregrinos que demandavam a Terra Santa passavam pelo Egito para ver as pirâmides e os sítios

onde se julgava que a Sagrada Família tinha estado, a começar pela chamada «Árvore da Virgem», em Matareia, na zona de Heliópolis, que ainda hoje (trata-se, naturalmente, de uma outra árvore) continua a merecer a visita de muitos crentes⁽⁷⁾.

Em finais do século XII o médico Abd el-Latif visitou o Egipto e esteve na zona de Guiza, atraído pelo colossalismo das pirâmides, tendo registado: «O tempo teme as pirâmides. Após considerarmos as pirâmides, somos forçados a compreender os esforços combinados dos mais inteligentes homens... os axiomas geométricos mais conhecidos mostram nestas maravilhas a vasta extensão da capacidade humana»⁽⁸⁾.

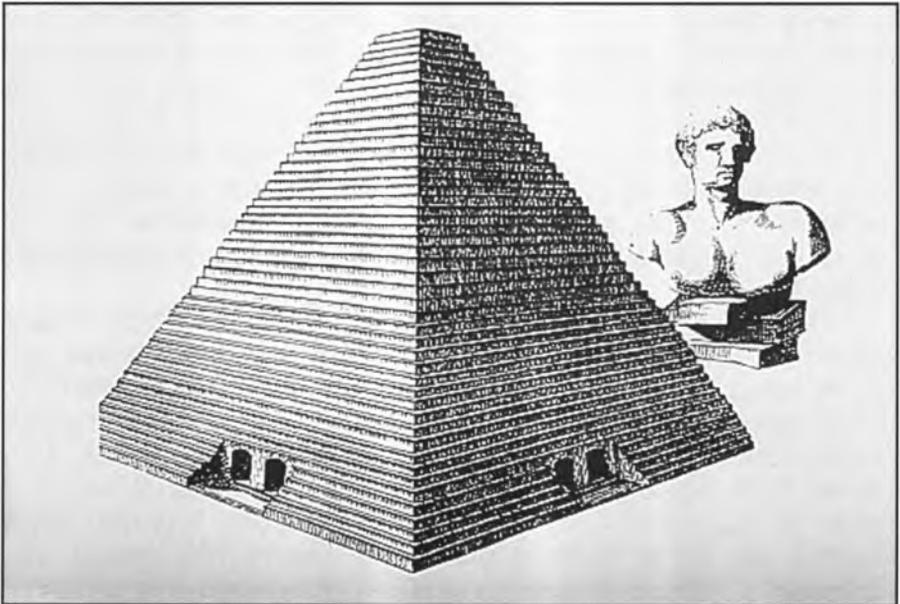
Depois de alguns séculos de esquecimento, o interesse pela civilização do país do Nilo cresceu a partir do Renascimento, com a redescoberta e a recriação do classicismo geeco-romano, inserindo-se neste espírito a publicação da *Hieroglyphica* de Horapolon, uma obra cujo original datava do século IV. Nesse texto, levado para Florença no início do século XV pelo viajante Cristoforo Buondelmonte (que seria impresso em 1505, para conhecer depois várias reimpressões), misturavam-se, de forma algo perturbante, ideias neo-platónicas com ideias genuínas de fundo egípcio e os conceitos mais díspares, que no futuro muitas dores de cabeça iriam dar aos que, antes de Champollion, tentaram decifrar a escrita hieroglífica⁽⁹⁾.

No século XVII o interesse pelo Egipto patenteia-se nos textos de alguns viajantes como o veneziano anónimo e Pietro Della Valle (1586-1652), que visitou o país entre 1618 e 1624, de lá trazendo muitos papiros (entre os quais manuscritos coptas) e várias múmias. Estes venerandos despojos fúnebres tornaram-se um produto muito apreciado pela medicina e pela farmácia da Europa, dado que lhes eram atribuídas altas qualidades terapêuticas com o chamado «pó de múmia»⁽¹⁰⁾.

Contrastando com algumas estéreis elucubrações da sua época, a propósito do antigo Egipto e dos seus monumentos, merece admiração a obra de George Sandys, um poeta e viajante inglês que em princípios do século XVII esteve no planalto de Guiza. Na sua obra intitulada *Relation of a Journey Begun in 1610*, inclui uma gravura das célebres pirâmides e da Esfinge, então parcialmente soterrada, onde se detecta o cuidado posto no desenho dos monumentos. Mais importante ainda é o facto de George Sandys mostrar a sua discordância em relação às ideias correntes de que as pirâmides eram os «celeiros de José» ou que tinham sido erigidas com o esforço dos «escravos hebreus» – para ele os grandes monumentos de Guiza não passavam de túmulos dos faraós⁽¹¹⁾.



A Esfinge e as pirâmides de Guiza numa gravura incluída na obra *Relation of a Journey Begun in 1610*, de George Sandys.



A Grande Pirâmide e a Esfinge de Guiza abusivamente interpretadas por Atanásio Kircher na sua obra *Turris Babel* (1674)

Atanásio Kircher (1602-1680), sábio jesuíta que vivia em Roma e que procurou, com muita pertinácia, decifrar a escrita hieroglífica, publicou a sua *Lingua Aegyptiaca Restituta* (1643) baseado na convicção de que os signos hieroglíficos eram meramente simbólicos. Deste equívoco resultou um trabalho medíocre, mas ao menos acertou na ideia de que o copta era o sucessor da antiga língua egípcia do tempo dos faraós⁽¹²⁾.

Vários colecionadores de antiguidades egípcias, entusiasmados com a chegada dos primeiros objectos, entre os quais avultavam os sarcófagos e os papiros, começaram a organizar expedições ao Egipto, na esperança de trazer alguns tesouros. Os aldeões locais traziam-lhes de bom grado material antigo, incluindo estatuetas funerárias, recipientes de diferentes tamanhos e materiais, jóias e muitos papiros.

Ainda no século XVII merece justificado destaque a acção de Benoit de Maillet que em 1692 viajou pelo Egipto com a finalidade de adquirir antiguidades para si próprio e para o rei Luís XIV – que antes tinha encarregado Vansleb de comprar «moedas antigas e manuscritos para a colecção de Sua Majestade». Durante a sua longa estada no país, Benoit de Maillet, que foi o cônsul da França no Egipto de 1692 a 1708, redigiu textos relacionados com os seus percursos no vale do Nilo, descrevendo as grandes construções faraónicas e, facto notável para essa época, recomendou que o Egipto fosse estudado de uma forma científica através da elaboração de mapas dos sítios históricos com o desenho meticuloso de todos os monumentos, os quais deviam ser cuidadosamente medidos. Alude aos belos «tectos azuis» dos templos do Alto Egipto, onde existiam estátuas colossais e «mais colunas do que se podem contar». As memórias do cônsul Benoit de Maillet (que esteve junto das pirâmides de Guiza por quarenta vezes!), foram publicadas em 1735 e as suas páginas foram certamente lidas por alguns dos membros da expedição de 1798 ao Egipto, a começar pelo próprio Napoleão⁽¹³⁾.

Outro conhecido viajante do século XVII foi Sir Hans Sloane, médico e cirurgião do rei Jorge II, que veio a reunir em Londres uma grande colecção de curiosidades das suas viagens pelo Mediterrâneo e Caraíbas. Era deveras estimado como homem de bom gosto e com grandes conhecimentos, tendo sido presidente da Royal Society. Morreu em 1753, pouco antes de completar 100 anos, deixando em testamento à nação todos os seus livros e colecções, incluindo peças egípcias, por 20 mil libras. A princípio o governo não aceitou, mas finalmente o Parlamento aprovou uma lei concordando com os termos do negócio. Foi deste acto de aceitação que veio a nascer o famoso British Museum, aberto ao público pouco tempo depois, tendo as pe-

ças egípcias expostas contribuído para uma maior apetência das viagens ao Egipto. E seria nesse ambiente de algum entusiasmo pelo país do Nilo que um grupo de viajantes constituiu a Egyptian Society em Londres. Entre os elementos fundadores estava o dinamarquês Frederik Norden, artista e arquitecto que tinha visitado o Egipto por ordem do rei Cristiano VI, tendo de lá regressado com várias pinturas e esboços, saídos, com interessante texto, na sua *Voyage d'Égypte et de Nubie*, publicada em Copenhaga em 1755 e depois editada em Paris em 1795. A ele se deve uma das mais credíveis imagens da Esfinge de Guiza desenhada no século XVIII, cuja imagem reproduzimos mais à frente⁽¹⁴⁾.

Outro dos fundadores da Egyptian Society foi o reverendo Richard Pococke, que visitou o Egipto em 1737, e onde viu, horrorizado, colunas a serem retiradas de templos e destruídas, servindo depois a pedra para construções numa aldeia local. Segundo ele, este trabalho de destruição devia ser parado. Os relatos das suas viagens, publicados em dois volumes em 1745, dão-nos excelentes descrições dos locais, tal como eles eram aquando da sua visita, se bem que as ilustrações da obra pequem por demasiado imaginosas⁽¹⁵⁾.

Embora possa ser considerada como um dos caboucos na construção das bases da ciência egíptológica, a Egyptian Society, criada com entusiasmo e financiada por homens abastados, deliciava-se (e, porventura, entediava-se) com reuniões inútuas: o primeiro trabalho apresentado à sociedade, da autoria de William Shakeley, era sobre a eficácia do sistro egípcio como um antigo instrumento útil para afastar pássaros! A sociedade, em cujas reuniões o presidente chamava o grupo à ordem agitando um sistro egípcio, acabou por se desmembrar em pouco tempo, passando muitos dos seus objectos para o British Museum⁽¹⁶⁾.

No empolgante revivalismo clássico que motivou a Europa setecentista, os temas egípcios estiveram na moda em especial entre a requintada e letrada aristocracia francesa. Encarregado pelo regente de França de investigar os monumentos do Egipto, o jesuíta Claude Sicard (1677-1726) partiu para o país do Nilo, tendo estado no Alto Egipto por quatro vezes. Não publicou tomo de vulto mas dele são conhecidas várias cartas, em algumas das quais faz uma minuciosa descrição da geografia do Egipto, identificando de forma correcta a região tebana e os seus monumentos. As mais importantes obras saídas no século XVIII sobre o Egipto e os seus monumentos são no entanto as de Bernard de Montfaucon (compilações publicadas entre 1719 e 1724) e do egíptomano conde de Caylus, com o seu *Recueil d'Antiquités* (1752-1767), seguindo-se Volney (1757-1820) com a sua

Voyage en Syrie et en Égypte pendant les années 1783, 1784 et 1785, editada em 1787. A temática egípcia chegou a merecer o interesse da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres que recolheu vários textos e informações⁽¹⁷⁾.

Um exemplo de intrépido viajante foi James Bruce, descendente de uma abastada família escocesa, que chegou ao Cairo em 1769, esteve em Lucsor e no Vale dos Reis, e pintou alguns locais e monumentos para uma obra que seria publicada em 1790: *Travels to Discover the Source of the Nile*. A propósito do inóspito Vale dos Reis escreveu: «É um local solitário e os meus guias imploravam pelo regresso ao barco ainda antes de eu começar as minhas buscas, talvez por impaciência ou falta de gosto pelo trabalho, ou talvez pelo medo de supostos assaltantes que viviam nas cavernas da montanha.» Ainda assim entrou no túmulo que agora se sabe ser de Ramsés III (hoje chamado, por vezes, «Túmulo de Bruce»), onde encontrou pinturas bem preservadas contendo as inusitadas imagens de harpistas cegos. Fez dois esboços, que mais tarde foram transformados em imagens completas e publicadas no seu livro, não tendo escapado a várias críticas, pois à primeira vista em nada se pareciam com o estilo egípcio⁽¹⁸⁾. As aventuras de Bruce pelo vale do Nilo acima, através das perigosas terras etíopes, faziam o Egipto parecer menos perigoso. Porém, ainda era uma viagem que apelava ao espírito aventureiro, e encontrar conterrâneos europeus no Médio Oriente era então uma raridade⁽¹⁹⁾.

Trinta anos depois da aventureira viagem de James Bruce chegavam ao Egipto os soldados e os sábios de Napoleão Bonaparte.

Da expedição napoleónica a Champollion

«É preciso ir para o Oriente, todas as grandes glórias vêm de lá» – dizia o jovem general Napoleão Bonaparte, ansioso por celebridade e desejoso de cortar à Inglaterra a rota das Índias pelo Mediterrâneo. Convencido, mal ou bem, o Directório da França, um exército de 38000 soldados parte de Toulon em 1798, em trezentos barcos de transporte escoltados por treze navios de guerra. De caminho a expedição toma Malta (10 de Junho) e, já no Egipto, ocupa Alexandria (30 de Junho) e outros portos do Delta Ocidental. Dois acontecimentos diferentes marcam o resto do ano: a aniquilação da esquadra de guerra francesa em Abukir por Nelson, privando a expedição das suas ligações com a França, e a vitória de Bonaparte sobre os mamelucos na batalha das Pirâmides.

Encerrado no Egípto, o exército francês desdobra-se em operações para sul, rumo a Tebas e Assuão, e para a Síria-Palestina, até que o seu comandante, deixando as suas tropas, parte para França onde em finais de 1799 tomará o poder. Quando se soube que um exército inglês se preparava para desembarcar nas costas do Delta procedeu-se a uma rápida construção ou reparação de fortificações para sustentar o previsível ataque – e foi em trabalhos de fortificação realizados em Roseta (Rachid), no Delta Ocidental, que um grupo de soldados franceses descobriu um bloco de pedra contendo inscrições: a célebre Pedra de Roseta. Os ingleses acabaram por derrotar o remanescente do exército francês, obrigando-o à capitulação em 1801. Assim, pode considerar-se que do ponto de vista militar a grande operação concebida por Napoleão foi um fracasso.

A coroa de glória ficará no entanto para o grupo de sábios que partira de Toulon com a expedição. A ideia de conquistar o Egípto pela força das armas aliou-se então ao desejo de conhecer o país em todos os seus detalhes, o que implicava também conhecer todos os seus monumentos antigos. Uma plêiade de mais de centena e meia de sábios, literatos e artistas, que incluíam botânicos, biólogos, zoólogos, geólogos, arquitectos, desenhadores, físicos e químicos, entre outros, espalhou-se pelo Egípto para o estudar de norte a sul⁽²⁰⁾.

Um desses homens era o barão Dominique Vivant Denon (1747-1825), membro da pequena nobreza e antigo diplomata, depois empobrecido pela Revolução e obrigado a sobreviver como artista de rua em Paris. Para além de ter então publicado o livro *Oeuvre Priapique*, contendo várias gravuras pornográficas, tornou-se amigo do pintor Jacques-Louis David, que o introduziu no círculo restrito de Napoleão. E ei-lo depois nas margens do Nilo, indo do Cairo para o Alto Egípto, desenhando quadros plenos de vivacidade (cenas de combates) e de monumentalidade (boas reproduções das construções faraónicas). Extasiado com as manifestações da arte egípcia, que ele considerou plena de harmonia e de perfeição, termos que Winckelmann reservara antes para a arte grega, Denon conseguiu sair do Egípto com as suas pinturas e desenhos para os publicar, enriquecendo o texto que recordava a sua estada no país do Nilo, com o título de *Voyage dans la Basse et la Haute Égypte pendant les campagnes du général Bonaparte*. A obra conheceu sucessivas edições, com grande sucesso em França e no estrangeiro, tendo sido traduzida para alemão e inglês⁽²¹⁾.

Quanto ao trabalho dos sábios da expedição, uma massa impressionante e notável de documentos que abrangiam a geografia e a geologia, a fauna e a flora, os minerais, os monumentos faraónicos, coptas e islâmicos, foi todo reunido e publicado na *Description de l'Égypte*

(1809-1826), primeira obra consagrada de uma forma sistemática e rigorosa ao Egípto. Os nove volumes de texto e onze de pranchas *in-folio* da primeira edição da obra, bem dirigida por Edme Jomard, com mais de 3000 esboços realizados por cerca de duzentos artistas, apresentavam, com a minudência possível, o Egípto de Norte a Sul, em todos os seus aspectos⁽²²⁾.

De posse das cópias da Pedra de Roseta e vendo as cuidadas reproduções dos monumentos egípcios publicadas na *Description* e noutras obras coevas, onde os textos hieroglíficos, mesmo sem serem na altura entendidos, estavam legíveis, várias pessoas procuraram decifrar a escrita hieroglífica. As tentativas já vinham de trás, antes mesmo da partida da expedição: a verdade é que Georg Zoëga (1755-1809) publicou em 1797 uma obra intitulada *De Origine et Usu Obeliscorum*, a ele se devendo a descoberta de que as cartelas tinham inscritos no seu interior os nomes dos faraós. Após as tentativas do sueco Åkerblad (com especial interesse no texto demótico), caberia ao inglês Thomas Young (1773-1829) adiantar-se nas investigações, avançando na decifração, embora ele repartisse os seus interesses entre a física, a matemática, medicina, a física e a botânica. Interessou-se também pela decifração do demótico, e antes de Champollion já o cientista britânico tinha identificado correctamente os nomes de Ptolemeu, Cleópatra e Alexandre nas respectivas cartelas presentes em vários monumentos. Young trabalhou não apenas sobre o texto hieroglífico da Pedra de Roseta mas também, entre outros, a partir do texto de um obelisco que Belzoni tinha levado da ilha de Filae para Londres⁽²³⁾.

Estes e outros estudiosos foram preparando o caminho para a notável decifração de Jean-François Champollion (1790-1832), que se baseou no aturado estudo do texto hieroglífico contido na Pedra de Roseta, um texto de louvor a Ptolemeu V, vertido na escrita sagrada milenar (14 linhas em hieróglifos), a par das versões em demótico (32 linhas) e em grego (54 linhas), a língua dos dominadores greco-macedónios. A verdade é que Champollion nunca viu a famosa pedra, tendo estudado o texto hieroglífico nela contido a partir de moldes feitos pelos franceses antes da entrega do valioso achado aos ingleses vencedores. O general Menou, que tentou em vão levar a estela para França, subtraindo-a ao inimigo, teve o cuidado de mandar executar uma série de cópias, uma das quais foi ter às mãos do seu futuro decifrador.

Segundo se diz, Champollion aos 13 anos já dominava o hebraico, o siríaco, o latim, o grego e o copta, entre outras línguas, pelo que, desde o princípio estaria bem apto para abordar o problema que desde

há vários séculos se mantinha insolúvel. É sintomático que o seu principal competidor na corrida também tivesse especial apetência para línguas: Young sabia doze idiomas diferentes aos 14 anos. Um dos grandes mestres do jovem Champollion foi o orientalista Silvestre de Sacy, também ele interessado na decifração da inscrição da Pedra de Roseta, da qual enviou uma cópia a Åkerblad, escrevendo depois a Thomas Young para que este não revelasse os seus progressos a Champollion.

Depois de vinte anos de trabalhos, Jean-François Champollion envia, em 22 de Setembro de 1822, uma carta ao então secretário perpétuo da Academie Royale des Inscriptions et Belles-Lettres, o senhor Bon-Joseph Dacier, a qual viria a ser lida nessa respeitável instituição cinco dias depois. O texto tem um longo título, como era típico da época: *Lettre à M. Dacier, secrétaire perpétuel de l'Academie Royale des Inscriptions et Belles-Lettres, relative à l'alphabet des hiéroglyphes phonétiques employés par les égyptiens pour inscrire sur leurs monuments les titres, les noms et les surnoms des souverains grecs et romans*⁽²⁴⁾.

Champollion granjeou fama nos meios cultos da Europa, o que veio a incentivar o interesse pelo Egipto, mas também gerou alguns incómodos, a começar pelo próprio Thomas Young (que até fora convidado para a sessão na Academia), convencido que o mérito era dele e que o francês se limitara a divulgar resultados que não lhe pertenciam. Foi preciso esperar por 1896 para que a Inglaterra reconhecesse Champollion como o fundador da egiptologia⁽²⁵⁾. Mas já desde muitos anos antes a França se considerava pioneira nos estudos egiptológicos: em 1825 o irmão de Champollion, Jacques-Joseph Champollion, escrevia ao rei Carlos X afirmando que «l'archéologie égyptienne est pour la France une sorte de propriété littéraire». Nesta linha de pensamento se pode entender um artigo saído em 1842 na *Revue des Deux Mondes*, então com grande circulação entre os meios letrados, onde se podia ler: «Les études égyptiennes sont, d'ailleurs, devenues en France une tradition pour ainsi dire nationale. C'est notre pays, en effet, qui a rendu les plus grands services dans cette branche des études orientales. (...) Aussi, les savants étrangers, les orientalistes de Calcutta, d'Oxford, de Berlin, de Bonn, de Saint-Petersbourg, peuvent nous disputer, et souvent avec avantage, la possession scientifique de l'Asie. L'ancienne Égypte, au contraire, nous appartient à bon droit. Notre pays se l'est acquise par les travaux les plus importants.»⁽²⁶⁾.

Mesmo depois da saída das tropas francesas do Egipto e durante as pesquisas de Champollion continuaram a chegar a França muitos objectos egípcios para enriquecer as colecções particulares, enquanto

antiguidades oriundas de vários acervos começaram a dar entrada no Museu do Louvre sem que na altura merecessem o devido destaque. O próprio Vivant Denon, nomeado director do Museu do Louvre em 1802 (na sequência das recusas de mestres de grande nomeada como David e Canova para ocupar tão prestigiado cargo), não se interessou, aparentemente, por dedicar uma área às recém obtidas antiguidades egípcias. Foi o rei Carlos X que, em 1826, determinou a criação de uma secção egípcia no Louvre, a qual ficou sob a direcção de Champollion.

O decifrador da escrita hieroglífica e, por isso mesmo, fundador da ciência da egiptologia, encetou uma viagem ao Egipto em 1828-1830, em companhia do seu amigo Ippolito Rosellini (1800-1843), dez anos mais novo que ele. Aliás, os dois já se tinham encontrado em Itália (em Livorno, onde procederam ao estudo da colecção Salt) e em Paris. As boas credenciais de Rosellini nos estudos egiptológicos podem, em grande medida, ser comprovadas pelo facto de ter sido estabelecida para ele uma cadeira de Egiptologia na Universidade de Pisa, em 1825, portanto alguns anos antes da criação, no Collège de France, por impulso do rei Luís Filipe, de uma nova cadeira de Antiguidades Egípcias, regida por Champollion (1831)⁽²⁷⁾.

Depois da morte de Champollion foi preciso esperar cinco anos para que fosse encontrado o seu sucessor na cadeira, cabendo tal encargo a Jean-Antoine Letronne (1787-1848). Em França os estudos egiptológicos prosseguiram com Emmanuel de Rougé (1811-1872), o mesmo se passando na Alemanha graças a Carl Richard Lepsius (1810-1884), grande admirador de Champollion. A eles juntam-se o holandês Konrad Leemans (1809-1893) e o britânico John Gardner Wilkinson (1797-1875)⁽²⁸⁾.

Era o tempo em que se começavam a afirmar, na área da arqueologia, egiptólogos como Auguste Mariette (1821-1881) e outras figuras da época que noutras comunicações preparadas para este colóquio serão a propósito evocadas.

O paradigma da Esfinge e das pirâmides de Guiza

Dizer que a egiptomania é mais antiga que a egiptologia corresponde também a dizer que a piramidomania é mais antiga que a piramidologia⁽²⁹⁾. De facto, as pirâmides construídas no planalto de Guiza e a Esfinge que foi esculpida nas proximidades servem como ilustração do percurso evolutivo do pensamento pré-científico acerca dos grandes monumentos egípcios, dando também assento ao exercício com-

parativo entre as imagens urdidas desde a Idade Média até à época de Champollion. O cuidadoso desenho da Esfinge feito por Dutertre, datado de 1822 (o ano da decifração da escrita hieroglífica), marca o final das tergiversações e variações esfíngicas que ilustraram fantasiosamente as várias obras publicadas pelos viajantes do país do Nilo.

Quanto às pirâmides, um dos mais antigos indícios da apropriação das expressivas formas como monumento tumular no Ocidente levamos-nos a Roma, onde ainda hoje se pode admirar a bem conservada pirâmide de Caio Céstio, erigida na época de Augusto (12 a. C.)⁽³⁰⁾. A catedral de São Marcos, em Veneza, mostra-nos, num mosaico do século XII, as pirâmides (sem o topo e com aberturas laterais) como sendo os bíblicos «celeiros de José». As pirâmides de Guiza serão também representadas num mapa de Fra Mauro, de meados do século XV, legendadas como os «celeiros do faraó»⁽³¹⁾.

As viagens ao país do Nilo tornaram-se mais seguras depois da conquista otomana de Selim I, em 1517, e do incremento das boas (e interesseiras) relações entre a França e o Império Otomano, então em fase de expansão. Comerciantes e peregrinos franceses foram cada vez com mais frequência até ao Egipto e de lá trouxeram várias antiguidades, para si próprios e para os museus e bibliotecas que as encomendavam. Além das antiguidades traziam também os elementos necessários para a redacção dos seus textos, onde as pirâmides e a Esfinge eram elementos obrigatórios.

Em 1546 Pierre Belon, um dos viajantes dessa época, observou que a pirâmide de Menkauré estava então em boas condições, como se acabasse de ser construída, e Jean Chesneau referiu que as outras duas pirâmides de Guiza não tinham sido «construídas em degrau», pelo que se pode deduzir que nesse tempo as pirâmides de Khufu e Khafre ainda tinham parte do seu revestimento lítico. Um viajante chamado Prosper Alpino escreveu em 1591 que Ibrahim Pachá, então vice-rei otomano do Egipto, aumentara a entrada da Grande Pirâmide «de forma que um homem coubesse lá perfeitamente»⁽³²⁾.

No século XVII prosseguiram as viagens e, com elas, os relatos dos percursos no país do Nilo, sendo praticamente comuns a todos eles a descrição das pirâmides de Guiza e da Esfinge. É o caso do relato feito pelo inglês George Sandys, que antes referimos, o qual incluiu gravuras de regiões do Egipto que ele visitou, nomeadamente do planalto de Guiza, com uma razoável reconstituição das pirâmides e da Esfinge tal como podiam ser vistas na altura⁽³³⁾.

Em meados do século XVII surgia o volume *Pyramidographia, or a description of the Pyramids in Egypt*, de John Greaves, matemático de Oxford que visitou e descreveu as pirâmides. Ouviu muitas coisas



As pirâmides vistas como «celeiros de José» (catedral de São Marcos, Veneza).



As pirâmides apresentadas como «celeiros do faraó» num mapa de Fra Mauro.

Algumas das diferentes visões da Esfinge de Guiza: da florestada imagem de Thevet à mais explícita reprodução de Dutertre.



disparatadas sobre as Pirâmides de Guiza – estavam, segundo se dizia, cheias de talismãs e estranhos objectos e até um rio corria sob a enorme estátua. Greaves não deu grande importância às fantasias dos seus néscios cicerones: «As história dos Árabes não são mais do que contos de fadas», escreveu ele, procedendo depois à primeira investigação do local, desenhando e medindo, com o rigor possível, o interior e o exterior da Grande Pirâmide, numa acção que pode ser considerada como precursora da egiptologia científica. Uma gravura da obra mostra a Grande Pirâmide com uma parte da sua complexa estrutura interna, embora a câmara real não esteja claramente desenhada e dela não constem, naturalmente, as cinco câmaras de descarga (descobertas muito depois). Dá-nos algumas medidas internas e externas do monumento e refere-se aos poucos vestígios do templo funerário de Khufu, adossado à parte leste da pirâmide, constituídos por lajes de basalto⁽³⁴⁾.

A Grande Pirâmide de Khufu surge também fantasiosamente a ilustrar a obra de Atanásio Kircher, *Turris Babel*, publicada em 1674, vendo-se aí as imaginárias entradas duplas em duas das suas faces ao nível do solo, mais parecendo um mausoléu. Ao lado está uma figura que representa um busto feminino de avantajados seios assentes sobre grandes blocos desalinados, reinterpretação da Esfinge clássica de Édipo. Kircher nunca foi ao Egipto, tendo-se por isso limitado a desenhar uma imagem a partir de descrições pouco detalhadas, colhidas em leituras ou conversas, dando assim largas a uma fértil e desnorteada imaginação de que já dera mostras em 1643 nas suas ínvias leituras da escrita hieroglífica⁽³⁵⁾.

Já antes da mamalhuda e classicizante imagem de Kircher tinham aparecido, com notório desvirtuamento, diferentes visões da Esfinge de Guiza. Observando imagens do século XVI choca a reprodução congeminada por André Thevet em *Cosmographie de Levant* (1556), onde o autor regista que a célebre representação do poder faraónico não passa de «uma cabeça de um colosso mandada ali fazer por Ísis, filha de Inachus, amada de Júpiter». Surge depois uma burlesca e peituda esfinge desenhada por Johannes Helferich (1579), para já no século XVII aparecer uma interpretação de Balthasar de Monconys (1647) onde vem sugerida a cobertura de cabeça e os blocos de pedra da construção que, mesmo assim, está mais próxima do original que a desajeitada figura de Boullaye-le-Gouz, com traços negróides, turbante a substituir o *nemés* faraónico e um manto (1650)⁽³⁶⁾.

Alguns viajantes do século XVIII reproduzem com mais veracidade a gigantesca estátua real, captando-lhe pormenores do rosto e da cobertura listada da cabeça: assim o fizeram Richard Pococke, em

1743 (inspirando-se, segundo Mark Lehner, numa anterior imagem feita por Cornelius de Bruyn)⁽³⁷⁾, Frederick Norden, em 1755 (com os olhos esgazeados mas com o nariz partido, como hoje se apresenta), até ao desenho de Casas, em 1799, no ano seguinte à partida da expedição de Bonaparte para o Egipto. Sendo a Esfinge uma das mais conhecidas imagens evocativas da civilização egípcia, a análise das suas interpretações ao longo dos séculos permite observar os avanços em direcção a um estudo sério do monumento, o qual mereceria o interesse de Giovanni Battista Caviglia (1770-1845). Este antigo marinheiro escavou em torno da Esfinge, ao serviço do cônsul inglês Henry Salt, tendo descoberto a grande estela de Tutmés IV soterrada entre as patas do colosso, e fragmentos da pãra divina do rosto da figura, tendo um bloco ido parar ao British Museum⁽³⁸⁾.

A visão das típicas formas arquitectónicas do Egipto faraónico, sobretudo com as reproduções dos grandes monumentos de Guiza, foi-se gradualmente despidendo das suas roupagens míticas e fabulosas e, com o incremento das viagens e com um maior apuro no traço no desenho das pirâmides e da vizinha Esfinge, tornou-se mais cabal e verídica, no respeito para com o passado. A expedição de Bonaparte ao Egipto e a apreensão correcta das formas arquitectónicas e estilísticas (e que as atraentes pinturas de David Roberts ainda irão romantizar) na primeira metade do século XIX, a publicação da *Description de l'Égypte*, a decifração da escrita hieroglífica e a desenvoltura que os hábeis sucessores de Champollion iam conseguindo na interpretação escorreita dos textos hieroglíficos, davam o golpe de misericórdia na velha e fantasiosa interpretação do legado do antigo Egipto. A egiptologia começava finalmente a separar-se da egiptomania.

Bibliografia consultada

Cyril ALDRED, *The Egyptians*, edição revista, Londres, Thames and Hudson, 1987 (tradução do original inglês).

Carol ANDREWS, *The Rosetta Stone*, Londres, British Museum Publications, 1981.

Lúis Manuel de ARAÚJO, *Eça de Queirós e o Egipto Faraónico*, Lisboa, Editorial Comunicação, 1987.

Lúis Manuel de ARAÚJO, «Egiptologia em Portugal», em *Cadmo*, 10, Lisboa, Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001, pp. 57-94.

Luís Manuel de ARAÚJO, «Egiptologia», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 309-313.

Luís Manuel de ARAÚJO, «Egiptomania», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 313-315.

Luís Manuel de ARAÚJO, *Imagens do Egipto Queirosiano*, Gaia, Gaianima/Confraria Queirosiana, 2002.

John BAINES e Jaromír MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, Oxford, Phaidon Press, 1981.

Jurgis BALTRUSAITIS, *L quête d'Isis. Essai sur la légende d'un mythe*, Paris, Flammarion, 1997.

Jean-François BARRIELLE, *O Estilo Império*, Lisboa, Edições 70, 1986 (tradução do original francês).

Edda BRESCIANI, «Ippolito Rosellini e l'egittologia italiana», em *Archeo: Attualità del Passato*, 79, De Agostini-Rizzoli Periodici, Setembro de 1991, pp. 38-44.

José Nunes CARREIRA, *Outra Face do Oriente: Viagens dos Portugueses no Próximo Oriente*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1997.

Cristina Chautard CORREIA, «Viajantes», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 864-870.

James Stevens CURL, *Egyptomania. The Egyptian Revival: a recurring theme in the history of taste*, Manchester/Nova Iorque, Manchester University Press, 1994.

D. DAWSON e Eric UPHILL, *Who Was Who in Egyptology*, 2ª ed., Londres, Thames and Hudson, 1972.

Dominique Vivant DENON, *Voyage dans la Basse et la Haute Égypte pendant les campagnes du général Bonaparte*, prefaciado e anotado por Hélène Guichard e Adrien Goetz, sob a direcção de Martine Reid, Paris, Éditions Gallimard, 1998.

Michel DEWACHTER, *Champollion. Un scribe pour l'Égypte*, Paris, Éditions Gallimard, 1990.

M. DEWACHTER e A. FOUCHARD, *L'Égyptologie et les Champollion*, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1994.

Sergio DONADONI, Silvio CURTO e Anna Maria DONADONI ROVERI, *L'Égypte du mythe à l'égyptologie*, Turim, Fabri Editori, 1990.

Mark M. EASTON, «Scientists, Scholars and the Sphinx», em *Newsletter of the American Research Center in Egypt*, 156/157, Nova Iorque, 1992, pp. 20-21.

Francisco Javier Gómez ESPELOSÍN e Antonio Pérez LARGACHA, *Egiptomanía*, Madrid, Alianza Editorial, 1977

Éric GADY, «l'Égyptologie: Une science française?», em *Égypte, Afrique & Orient*, 12, Centre Vauclusien d'Égyptologie, Fevereiro de 1999, pp. 41-48.

Alan GARDINER, *Egyptian Grammar, being an Introduction to the Study of Hieroglyphs*, 3ª edição, Oxford, Griffith Institute, 1988.

Aline Gallasch HALL, «Young, Thomas», em *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 879-880.

Christine HOBSON, *Exploring the World of the Pharaohs. A Complete Guide to Ancient Egypt*, Londres, Thames and Hudson, 1997.

Erik HORNUNG, *Einführung in die Ägyptologie*, Darmstadt, 1967.

Jean-Marcel HUMBERT, «Panorama de quatre siècles d'égyptomanie», em *Bulletin de la Société Française d'Égyptologie*, 110, Paris, Outubro 1987, pp. 48-77.

Jean-Marcel HUMBERT, *L'Égyptomanie dans l'art occidental*, Paris, ACR Éditions, 1989.

Jean KÉRISEL, *La Pyramide à travers les âges. Art et religions*, Paris, Presses de l'École Nationale des Ponts et Chaussées, 1991.

Jean LACOUTURE, *Champollion. Une vie de lumières*, Paris, Éditions Bernard Grasset, 1988.

Jean LECLANT, «Torino, Champollion e l'Egittologia italiana», em *Archeo: Attualità del Passato*, 79, De Agostini-Rizzoli Periodici, Setembro de 1991, pp. 6-17.

Mark LEHNER, *The Complete Pyramids*, Londres, Thames and Hudson, 1997.

Andrew ROBINSON, *The Story of Writing. Alphabets, Hieroglyphs & Pictograms*, Londres, Thames and Hudson, 1995.

José das Candeias SALES, «Que egiptologia para o século XXI?», em *O Estudo da História*, 4, Associação de Professores de História, Lisboa, 2001, pp. 31-38.

José das Candeias SALES, «Champollion», em *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 198-199.

Serge SAUNERON, *L'Égyptologie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1968.

Dirk SINDRAM, *Ägypten-Faszinationen. Untersuchungen zum Ägyptenbild im Europäischen Klassizismus bis 1800*, Frankfurt am Mein, Peter Lang, 1990.

Desmond STEWART, *The Pyramids and Sphinx. Egypt under the Pharaohs*, Nova Iorque, Newsweek, 1971.

Rui Pedro TREMOCEIRO, «Denon», em *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, p. 269.

Dominique VALBELLE, *L'Égyptologie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1991.

Jean VERCOUTTER, *A la Recherche de l'Égypte Oubliée*, Paris, Éd. Gallimard, 1998.

Notas

- (1) Ver SALES, «Que egiptologia para o século XXI?», em *O Estudo da História*, 4, pp. 31-38.
- (2) Ver ARAÚJO, «Egiptologia em Portugal», em *Cadmo*, 10, pp. 57-94.
- (3) *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001 (com mais de mil artigos em cerca de novecentas páginas).
- (4) Para assinalar os oitenta anos da descoberta do túmulo de Tutankhamon estará patente no Centro Cultural Casapiano, em Lisboa, de Outubro a Dezembro de 2002, uma exposição organizada pelo Museu Egípcio de Barcelona. Integrando-se na evocação, a Associação Portuguesa de Orientalismo levará a efeito um colóquio no mesmo local subordinado ao tema «Efemérides Egípcias».
- (5) Ver ARAÚJO, «Egiptologia», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 309-313; também em SAUNERON, *L'Égyptologie*, pp. 5-6.
- (6) Ver DONADONI, CURTO e DONADONI ROVERI, *L'Égypte du mythe à l'égyptologie* pp. 12-26; também em CURL, *Egyptomania*, pp. 10-16; e CORREIA, «Viajantes», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 864-865.
- (7) Eça de Queirós e o seu amigo conde de Resende estiveram no local durante a sua viagem ao Egipto em 1869 (ver ARAÚJO, *Eça de Queirós e o Egipto Faraónico* e ID., *Imagens do Egipto Queirosiano*).
- (8) Ver HOBSON, *Exploring the World of the Pharaohs*, p. 25; e STEWART, *The Pyramids and Sphinx*, pp. 140-142.
- (9) Ver DONADONI, CURTO e DONADONI ROVERI, *L'Égypte du mythe à l'égyptologie*, pp. 40-59; também em BAINES e MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, p. 22.
- (10) Numa obra do século XVI pode ler-se sobre as propriedades das múmias egípcias: «He a Mumia huma substancia negra, dura e resinosa, a qual tem a sua origem nos corpos dos mortos, embalsamados com balsamos, e outros aromas: huns Autores querem que as legitimas Mumias fossem extrahidas dos antigos sepulchros dos EGYPCIOS, de que todavia ficarão, e se acharão alguns vestigios, ao redor do gram Cairo. (...) O que não obstante, se ha de escolher por melhor Mumia, a que for resplandecente, negra, sem ossos, nem pós, que tenha bom cheiro, e que queimando-a, não cheire a Pez. Serve a Mumia para resolver, e resistir á Gangrena, para as contusoens, e para que não se coalhe o sangue, he detersiva, e vulneraria, e se dia ser contra a tísica, e suffocação uterina, e para outras muitas enfermidades» (em *Pharmacopea Tubalense*, pp. 177-178). As múmias depressa se tornaram uma das principais exportações, para serem moídas sob a forma de medicamento. Um inglês, John Sanderson, trouxe, em 1585, cerca de trezentos quilos de múmias só para o mercado londrino.
- (11) Ver LEHNER, *The Complete Pyramids* pp. 42-43; também em STEWART, *The Pyramids and Sphinx*, pp. 142-144; e em BAINES e MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, p. 25. Outras obras de viajantes da época são as de Christoph Fürer von Haimendorf, *Itinerarium Aegypti, Arabiae, Syriae, aliumque regionum orientalium* (Nuremberga, 1610) e de Jean de Thevenot, *Voyages de M. de Thevenot en Europe, Asie et Afrique* (Paris, 1665, depois Amsterdão, 1727).
- (12) Ver DONADONI, CURTO e DONADONI ROVERI, *L'Égypte du mythe à l'égyptologie*, pp. 60-68; também em HOBSON, *Exploring the World of the Pharaohs*, p. 156; ver ainda

ARAÚJO, «Egiptomania», em *Dicionário do Antigo Egito*, pp. 313-315: «Influenciado por uma fantástica obra de Horapolon, o esforçado jesuíta conseguiu descortinar passagens da Bíblia em textos egípcios e leu num obelisco egípcio de Roma um hino à Santíssima Trindade!» (p. 314).

⁽¹³⁾ Ver HOBSON, *Exploring the World of the Pharaohs*, p. 26; ver também CORREIA, «Viajantes», em *Dicionário do Antigo Egito*, p. 867.

⁽¹⁴⁾ Ver BAINES e MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, p. 24; também em HOBSON, *Exploring the World of the Pharaohs*, p. 26; ver reproduções da Esfinge tal como foi imaginada desde o século XVI em LEHNER, *The Complete Pyramids* pp. 42-43.

⁽¹⁵⁾ Ver HOBSON, *Exploring the World of the Pharaohs*, p. 26.

⁽¹⁶⁾ *Ibidem*.

⁽¹⁷⁾ Ver VERCOUTTER, *A la recherche de l'Égypte oubliée*, pp. 38-39; também em BAINES e MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, p. 24. Registe-se que a obra de Volney foi a única se temática egiptológica que Napoleão Bonaparte levou consigo na expedição ao Egito. Merece ainda referência um contemporâneo de Volney, o seu compatriota Savary, que viveu no Cairo entre 1776 e 1779, deixando umas *Lettres écrites d'Égypte*, com descrições mais idílicas que realistas.

⁽¹⁸⁾ Ver HOBSON, *Exploring the World of the Pharaohs*, p. 26.

⁽¹⁹⁾ *Ibidem*. O percurso seguido por James Bruce pode ser apreciado em BAINES e MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, no mapa da p. 25.

⁽²⁰⁾ Ver HOBSON, *Exploring the World of the Pharaohs*, pp. 30-31; também em SAUNERON, *L'Égyptologie*, pp. 9-11.

⁽²¹⁾ Veja-se, entre outras edições mais ou menos recentes, um trabalho prefaciado e anotado por Hélène Guichard e Adrien Goetz, sob a direcção de Martine Reid, da Gallimard: DENON, *Voyage dans la Basse et la Haute Égypte*; também em VERCOUTTER, *A la recherche de l'Égypte oubliée*, pp. 39-51; ver ainda TREMOCEIRO, «Denon», em *Dicionário do Antigo Egito*, p. 269.

⁽²²⁾ Ver SAUNERON, *L'Égyptologie*, pp. 10-11.

⁽²³⁾ Ver HOBSON, *Exploring the World of the Pharaohs*, p. 156-157; veja-se também HALL, «Young, Thomas», em *Dicionário do Antigo Egito*, pp. 879-880.

⁽²⁴⁾ Boa síntese sobre a decifração do texto hieroglífico da Pedra de Roseta em ANDREWS, *The Rosetta Stone*; ver também SALES, «Champollion» em *Dicionário do Antigo Egito*, pp. 198-199; SAUNERON, *L'Égyptologie*, pp. 11-16; DEWACHTER, *Champollion*, e LACOUTURE, *Champollion*.

⁽²⁵⁾ Ver LACOUTURE, *Champollion. Une vie de lumières*, pp. 308-321. O mérito para a imposição dos méritos de Champollion como principal decifrador do texto hieroglífico da Pedra de Roseta coube a Sir Le Page-Renouf, na altura presidente da Biblical Society of Archaeology de Londres.

⁽²⁶⁾ Em GADY, «L'Égyptologie: une science française?», *Égypte, Afrique & Orient*, 12, pp. 42-43.

⁽²⁷⁾ Ver LECLANT, «Torino, Champollion e l'Egittologia italiana», em *Archeo: Attualità del Passato*, pp. 6-17; veja-se ainda ARAÚJO, «Rosellini, Ippolito», em *Dicionário do Antigo Egito*, pp. 755-756.

(28) Ver GADY, «L'Égyptologie: une science française?», *Égypte, Afrique & Orient*, 12, p. 42; também em BAINES e MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, pp. 26-27.

(29) Artigos a propósito de «Egiptologia», «Egiptomania», «Piramidologia» e «Piramidomania», em ARAÚJO, *Dicionário do Antigo Egípto*, respectivamente nas pp. 309-313, 313-315, 698-701 e 701-703.

(30) Imagem da pirâmide de Caio Céstio em DONADONI, CURTO e DONADONI ROVERI, *L'Égypte du mythe à l'égyptologie*, p. 37.

(31) Veja-se a imagem do mosaico da cúpula da catedral de São Marcos em DONADONI, CURTO e DONADONI ROVERI, *L'Égypte du mythe à l'égyptologie*, p. 41; também em LEHNER, *The Complete Pyramids*, p. 42.

(32) Ver LEHNER, *The Complete Pyramids*, p. 43.

(33) *Ibidem*; veja-se também KÉRISEL, *La Pyramide à travers les âges*.

(34) Ver BAINES e MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, p. 24; também em HOBSON, *Exploring the World of the Pharaohs*, p. 25; ver ainda LEHNER, *The Complete Pyramids*, p. 44.

(35) Ver DONADONI, CURTO e DONADONI ROVERI, *L'Égypte du mythe à l'égyptologie*, pp. 61-68; imagem da Esfinge e da Grande Pirâmide idealizadas por Atanásio Kircher em LEHNER, *The Complete Pyramids*, p. 42.

(36) Imagens das diferentes esfinges em LEHNER, *The Complete Pyramids*, p. 43. O interesse pela Esfinge já vinha de muito de trás: alguns monarcas do Império Novo procuraram restaurar o monumento que então era visto como uma forma do deus Horemakhet (Hórus no Horizonte) ou como a divindade sincrética Ré-Horakhti. O culto da Esfinge desenvolveu-se durante a XXVI dinastia saíta.

(37) Ver LEHNER, *The Complete Pyramids* p. 43.

(38) Ver LEHNER, *The Complete Pyramids* pp. 48-49.